

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO R. SANTOS

Redactor principal: ANTÓNIO TEIXEIRA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Comp. na Tip. de «A COMUNA» — Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Porta do Sol, 32

Redacção e Adm. (Provisória):
RUA DO SOL, 131 — PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS — Série de 10 números: \$50

UMA IMPONENTE MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO

A violência de que foi vítima o nosso colega «A Batalha» por parte dos sicários a soldo da burguesia, produziu no proletariado de todo o país a maior repulsa e indignação.

O operariado das principais cidades declarou-se em grêve por 24 horas em sinal de protesto contra a afronta que lhes foi feita.

No Pôrto, não obstante a falta de preparação, e de muitas classes não terem conhecimento das resoluções da U. S. O. o movimento foi quasi geral, sendo completa a paralisação das classes mais importantes como a C. Civil, Metalúrgica, Viação e outras.

Este magnífico movimento de solidariedade e de protesto, deve, — pela sua espontaneidade, — pelo número verdadeiramente colossal dos manifestantes, e pelo seu significado moral, ter convencido os altos potentados deste país, que o proletariado organizado, consciente dos seus direitos não está disposto a tolerar afrontas, quer venham dos governantes, quer de bandidos assalariados.

Devem, também, sentir-se satisfeitos os camaradas que à «Batalha» dedicam o seu esforço e a sua inteligência. A homenagem que acaba de lhes ser prestada pela classes produtoras, é compensadora dos desgostos sofridos.

O ASSALTO Á «BATALHA» NOTÍCIA SENSACIONAL

Consumou-se a infâmia há largo tempo premeditada. Quase desde a sua fundação, que o órgão da Organização Proletária, vivia, sob a ameaça constante dum assalto e consequente destruição, por parte dos grupelhos *vivedores* da República.

O receio duma defesa inérgica e também a esperança de que as medidas repressivas e perseguições adoptadas contra *A Batalha* por todos os governos, fossem suficientes para lançar por terra o denodado defensor dos explorados, impediram por muito que se pozesse em prática o projectado assalto.

Como, porém, *A Batalha* conseguisse manter-se, através de todas as perseguições e prejuizos constantes, vibrou-se-lhe então o último golpe: O assalto e destruição.

São já sobejamente conhecidos os pormenores do acto repulente e por isso nos dispensamos de os relatar aqui.

Igualmente nos dispensamos de erguer o nosso protesto em tropos inflamados e violentos. É que, predomina em nós a convicção de que o dia do ajuste de contas se não fará esperar.

E até lá... que o operariado português vá aprendendo — principalmente nas lições que diariamente lhe dá o operariado espanhol — a maneira de tratar com os seus inimigos.

AS DERROTAS BOLCHEVISTAS

A *Solidariedad Obrera*, de Bilbao, publicava no seu número de 27 de Agosto, a seguinte noticia:

«Por via Suíça, e sem que possamos precisar o nome de quem nos escreve, por ser materialmente ilegivel, recebemos o seguinte comunicado:

Solidariedad Obrera — Bilbao

ESTIMADOS CAMARADAS:

Salúde.

É preciso que torneis público, que na guerra actual entre a república sovietica e as outras nações, os bolchevistas não abrigam ideas de conquista. A guerra dos sovietes é simplesmente, a guerra de classes, e não a guerra de povos.

Convem por vezes ao exército vermelho entregar-se e perder uma batalha militar, seguros sempre os «derrotados» de ganhar a batalha principal, que é a que produz o desencadeamento da Revolução Social na nação que aparece como triunfadora.

Ride-vos sempre da Polónia, de Wrangel e dos fracassos do exército vermelho.

Fraternalmente vos saúda

(a) W. P.

PRÓ «A BATALHA»

A BATALHA não pode nem deve morrer. O proletariado organizado acaba de prestar-lhe a sua solidariedade moral, paralisando o trabalho por 24 horas. Falta agora que lhe preste a sua solidariedade material.

Sabemos que vários camaradas e grupos estão iniciando subscrições para cobrir os prejuizos ocasionados pelo assalto feito por um grupo de bandoleiros.

A COMUNA abre também nas suas colunas uma subscrição para o mesmo fim, iniciando-a com 100\$00 escudos.

Todos os camaradas que queiram contribuir para esta subscrição podem enviar os seus donativos à nossa administração.

A COMUNA	100\$00
Mário Azevedo	10\$00
César Augusto Borges	1\$00
Manuel Fernandes	2\$50
António Pais Pinto	1\$00

Soma 114\$50

Em prol de A COMUNA

Mais um importante donativo nos foi enviado para auxilio da publicação do nosso jornal.

O nosso prezado camarada Júlio Valério Maximo residente na América enviou-nos há dias um cheque de 101 dolares que rendeu 535\$30 esc. produto duma subscrição aberta por aquele camarada, em Fall River, Mass e Pawtucket R. I.

No próximo número publicaremos a lista dos subscriptores, a quem enviamos as nossas saudações e os nossos agradecimentos.

Juventudes Sindicalistas CONFERÊNCIA

Convidam-se as Juventudes Sindicalistas do Pôrto, a assistir a uma conferência, que sob o tema: *Sindicalismo e Anarquismo* se deve realizar na próxima terça-feira ás 21 horas na sede do Sindicato Único da Construção Civil.

Como nos roubam De A Plebe, de S. Paulo:

Durante o ano findo o governo assaltou legalmente a propriedade alheia, arrancando a título do imposto, a bela somma de 243.637.004\$000 contos!

São mais de duzentos e quarenta e três mil contos, arrebatados aos produtores, aos famintos, para sustentar as forças armadas, para pagar a uma multidão de polícias, carcereiros, juizes, deputados, senadores, cerca de com mil parasitas que além de constituírem uma carga pública, servem de guarda avançada da reacção, comprimindo todos os proletários, todos os cidadãos que trabalham para os sustentar. Esses milhões representam o pão que falta nos lares operários, simboliza a miséria em que se debate a classe trabalhadora.

Estes sanguessugas do povo são os que se ufamam do seu país, são os que se rotulam de patriotas, os que organizaram a Liga Nacionalista, as linhas de tiro, são os que, seguindo Bilac, marcham para o Ideal!... Ah! Quanta burla! Isto está reclamando uma formidável... yassourada.

¿QUEM ASSALTOU «A BATALHA»?

Eis a pergunta que naturalmente fazem todos os que tiveram conhecimento do infamissimo atentado.

Talvés o pequeno esclarecimento que publicamos a seguir contribua para a descoberta dos miseráveis salteadores.

Quando da visita ao Pôrto do Presidente da República, appareceu também nesta cidade, chefiando um grupo de *bufos*, o célebre António da Praça, a quem *A Batalha* acusou de ser o autor da agressão ao operário Manuel Vieira.

Conversando, ali para os lados de Montebelo, com uns individuos das suas relações, sôbre a acusação que *A Batalha* lhe fazia, declarou que a resposta à *Batalha*, êle a daria, quando voltasse para Lisboa. Que lessem os jornais daí a tres dias, para verem a maneira como essa resposta fôra dada.

Ouviram estas declarações dois camaradas boletineiros, cujos nomes possuímos, e publicaremos se fôr preciso.

A resposta à *Batalha*, já foi dada. O proletariado agora que dê a réplica.

A greve e a Imprensa

No intuito de tirar valor ao movimento do Pôrto, os jornais burgueses nomeadamente o *Primeiro de Janeiro*, insinuaram que a greve não tinha sido geral, porque muitas classes, como a dos sapateiros e tanneres, não aderiram ao movimento.

Delegados destas classes pedem-nos para declararmos ser falsa essa insinuação, pois ambas as classes vieram à rua na sua totalidade.

Quem não aderiu à greve, foram certos veteranos, que não tendo onde cair mortos, *azilam* pelas redacções dos jornais, prestando-se a tudo quanto os donos lhe mandam fazer, em troca dum osso descarnado.

Foi assim que alguns jornais conseguiram publicar-se apesar dos seus quadros terem abandonado o trabalho.

Felicitemos, pois, os quadros que cumpriram os seus deveres.

CONVITE

Para tratar de assunto muito urgente convida-se o grupo editor de A COMUNA a reunir no próximo domingo, 12, pelas 11 horas. Pede-se a comparência de todos.

Contra a exploração

Promovido pela «Liga para o bem estar dos trabalhadores indianos», devem as Uniãos dos trabalhadores de toda a Índia ter realizado o seu primeiro Congresso, no dia 22 de Agosto, em Bombaim.

Espera-se que tenha revestido grande importância dado que mais de 8 milhões de trabalhadores são criminosamente explorados pelos capitalistas e comerciantes britânicos, obrigados a trabalhar por um irrisório salário que medeia de 12 a 30 centavos por dia.

QUINTAS-FEIRAS PROLETARIAS

OS PÉS DE MARIA EMÍLIA

MINHA QUERIDA JÚLIA:

Estou desolada. Nem t'eu posso dizer, nestas linhas desataviadas e singelas, t'ôta a dôr da minha alma! Sinto-me pequena, mesquinha, desprezível, ao lembrar-me do incidente de ontem. Se tú soubesses! O pai tinha-me dito que trabalhasse muito, que trabalhasse sempre, que aproveitasse, se o meu corpo delgado e fraco consentisse, tôdas as horas suplementares. Queria calçar-me, o pai! Sabes? O meu vêlhinho condoêra-se de mim, êle, coitado! que só tem para as rijas bategas do fêro Inverno uns sôcos desmornados e esqualidos! Tive uma hora de alegria. Se visses como o abracei — os beljos comovidos e dôces que lhe dei na frente! E puz-me a trabalhar. De Segunda até Sábado — até ontem, minha Júlia — foi um martírio. Tu trabalho de empreitada, pagam-me o metro de sêda a dois tostões — a dois tostões, entendes tú?! — e eu precisava, para realizar o meu sôno e o sôno do pai — uns sapatinhos modestos de *chevreau*, enfeitados de laçotes pretos — de tecer uns trinta metros. Era uma tarefa árdua, cruel, violentíssima, mas, enfim, tratava-se da compra de um objecto que me era indispensável — e eu não hesitei um segundo. Tenho muita pena, uma pena imensa dos meus pobres pés, sempre molhados no Inverno, sujeitos às ardencias do asfalto no Verão. Porque — tenho vergonha em dizer-to! — depois da morte da mãe, numa tarde cinzenta e trágica de Dezembro, a vida correu-nos sempre mal, e agora, com a carestia desoladora do pão e da roupa, eu vou para a fábrica — *descalça!* Descalça, a tua Emíliinha, a tua «Mimi», como me chamavas outrora, afagando-me o rosto com as caricias quentes do teu amor. Sou muito desgraçada. Este ano, pelo S. João, nem tive dois tostões para comprar uns cravos vermelhos e frescos — e eu sonhára-os tam frescos e tam vermelhos como aqueles que me deste em certa madrugada de Junho, e que eu puz religiosamente no peitoril da única janela lá da casa, embriagando-me no seu perfume estonteador. Lembras-te? Aquêlê perfume! Que lindos devaneios tive então, olhando-os extasiada, relembando, louquinha, as histórias gentis dos cavaleiros andantes e das fadas notivagas e benfazejas...

Tudo morreu, minha pobre Julia, tudo morreu! Os cravos levou-os, fôlha-a-fôlha, o vento agreste do Outono — e nas suas fôlhas tam vermelhas e tam limpidas, agora amareladas e enrugadinhas, foi-se-me um pouco da minha esperança e da minha fé, da minha esperança que tinha o vêrde glauco dos seus estames, da minha fé que tinha a alacridade sonora das suas pétalas... Tudo morreu!

Hoje só vive a pungente rialidade dos meus pés nús, queimados pelas nortadas agressivas e pelos calôres infernais, deformados e grosseiros, sujos do pó dos caminhos e da lama das poçilgas. Apenas isso — que é tanto e é tam pouco! O pai quiz salva-los, dando-me uns sapatos. O meu vêlhinho!

Olha, vou dizer-te tudo. Saiu-nos errado o orçamento. Nem admira — há tanto tempo longe das sapatarias! Eu sai da fábrica, segundo o costume, pelas três horas, o pai esperava-me nos Loios. Corremos uma casa, duas, três, vinte casas! Ai, os meus pobres sapatos! Todos nos recebiam mal, talvez pela nossa miseravel aparência, e quando nos respondiam, o que aconteceu poucas vezes, diziam-nos uns números que me pñham pálida — e ao pai, que eu via muito vermelho e muito saudado, davam um gesto ruim de revolta. Fiquei sem os meus sapatos, os meus pobres sapatos de lacinhos pretos, enlevo de seis dias de tortura no casarô negro e sujo onde os meus dedos finos tecem a sêda fina usada pelas senhôras do *high-life*. E já agora, minha Julia, perdi a esperança de tê-los. Se tudo encarece de dia para dia!

Não quero acabar sem te referir um outro caso que com êste se prende intimamente. Esteve aqui o Luciano, aquêlê pobre e esmaecido moço que tanto estimavas, e trouxe-me, para que a lêsse, uma crônica do sr. Júlio Dantas. Ontem o dia não foi bem escolhido, mas eu gosto das crônicas daquêlê senhor e li aquela com atenção. Falava dos *pés de Madame X*, que êle não gostaria de ver nús, na mesma «nudez de estátua que immortalizou as amantes de Barras, que fez a celebridade da cidadã Saint-Fargeau e da «maravilhosa» Clotilde de Forbise». O sr. Dantas insurge-se contra a nova moda das pernas nuas, lançada nãs corridas *chics* de Longchamps pelas parisienses elegantes, e como M.me X. — uma senhôra esquisita e essencialmente de quem Luciano só diz mal — o recelesse «estendida no seu canapé Imperio, vestida de musselina, penteada á Tito e com os pés descalços» aproveitou a ocasião para dizer frases muito lindas sôbre os pés e sôbre as mãos das mulheres, frases que eu li encantada.

Mas uma frase houve que mais do que as outras me tocou, comovendo-me. — «O pé é animal, a mão é divina» disse o Petrónio da Lusitânia. «O pé é animal...» sinto que é verdade, que é uma desoladora verdade, olhando os meus pés curvados e negros, de unhas grossas e ásperas, deformados e aniquilados nos imundos contatos da rua. «A mão é divina» — como eu compreendo isto, e sobretudo como eu sinto! Esta mão, as minhas mãos, são bem de Deus, são talvez superiores a êle, porque criam e edificam, porque tecem a lan e a sêda que vai vestir os ricos desocupados, raras vezes os trabalhadores pobres, levando o conforto e o bem-estar a tantos lares desaconchegados!

A mão é divina! sim, a mão dos trabalhadores, que produz e acumula tesouros de energia e tesouros de bondade. Mas em que será divina a mão de M.me X. — que relação haverá entre Deus e a rosada amiga do aristocratisado folhetinista?

Ficô-me a scismar longamente. E não atino! A não sêr que M.me X. seja divina porque como Deus vive do suor da humanidade prosternada e envilecida, desta humanidade desonorada a que tú e eu pertencemos — e que a Deus acende os cirios lugubres da idolatria e a M.me X. acende os cigarros inebriantes e perfumados dos salões *smaris* do vício e da crápula...

Tua, com um grande beijo, Maria Emilia.

Pela cópia — LUCIANO DO RIO.

NOTA — Sou intimo amigo de Maria Emilia, e compreende-se o facto se eu lhes disser que como ela sou um infeliz. Sei, porque estou nas suas confidencias, que a pobre rapariga não deseja amesquinhar nem sequer criticar o sr. Júlio Dantas. Ela tem, pelo contrário,

QUADRO DE HONRA DA BURGUESIA

Quando, num momento de desespero, uma criatura qualquer empunha um revólver justiceiro e manda de presente ao diabo um tirano, um verdugo, um carrasco, um opressor da humanidade que trabalha e que sofre, os burgueses escandalizam-se, protestam e choram lágrimas... de veneno e ódio.

A sua imprensa, sem procurar as origens do delito social, sem investigar as verdadeiras causas determinantes do gesto que «alarmou todo o mundo», exige, implacável, o castigo, não só da vítima do meio pútrido e nefasto que se chama sociedade capitalista, como o de todos os individuos que propagam ideias revolucionárias, a quem atribuem, infamemente, o papel de «indutores do crime»!

Armadas dêsse argumento hipócrita, dessa ária estafada, mil vezes repetida, as autoridades para mostrarem que são dignos sabujos do ósso esburgado que lhe aliram os donos, principiam a encarcerar a tôrto e a direito tôdas as criaturas que se lhes afiguram «suspeitosas». E os tribunais, para não ficarem atrás, na «repressão dos atentados», para darem um «exemplo salutar», condenam severamente as vítimas inocentes que lhes caiem nas garras...

Ora é preciso que se saiba, e duma vez para sempre, que os atentados pessoais são determinados pelo mal estar económico e social em que se vive. E' por isso que êles não constituem um exclusivo de determinada escola ou sistema político. Ravillac não tinha ideias avançadas, e no entanto foi um regicida. Bruto, ao cravar o seu punhal no peito de César, fê-lo em nome dos princípios republicanos. O mesmo pensavam Buiça e Costa, ao mandarem, para o túmulo, o rei Carlos e seu filho, o príncipe Luis Filipe... Já se vê, por esta pequenina amostra, que o atentado tem umas determinantes que o vólgo ainda não compreendeu, e que os jornalistas escondem para receber os cobres que a burguesia cinicamente lhes esportula.

Mas... mas deixemos estas considerações que nos levariam muito longe, e vejamos: ¿que significam, que importância tem os chamados atentados pessoais, comparados com os que comete a burguesia? Os capitalistis assassina todos os dias e impunemente, uma infinidade de proletários: — pagam-lhes salários ínfimos, que não chegam para uma parca alimentação, e exigem-lhes, em troca, trabalhos extenuantíssimos que os conduzem ao definhamento, à tuberculose, à morte!

E ao lado dêstes assassinaos silenciosos, sem alarde, os burgueses cometem outros à plena luz do dia — os assassinaos em massa, nas guerras que êles provocam, em consequência das suas insaciáveis ambições de domínio, de exploração, de roubo.

O exemplo mais cruel e eloquente dêstes crimes capitalistas, ofereceu-no-lo a guerra que começou nos princípios de Agosto de 1914.

Sôbre a nossa banca de trabalho temos alguns dados, coligidos por diversos sociólogos e que não-de servir para um livro sôbre as consequências sociais da «grande guerra». Nêsses apontamentos registam-se os efeitos da espantosa catástrofe pela perda de vidas humanas, tanto na carnificina, como no bloqueio, como por qualquer outra causa relacionada com a guerra. Vamos reproduzi-los integralmente, porque entendemos que é de grande interesse que o povo os conheça, demais a mais que constituem o melhor e mais eloquente quadro de honra da burguesia dos modernos tempos:

NACIONALIDADES	PERDAS POR:			TOTAL
	Diminuição de nascimentos	Aumento de mortalidade	Mortalidade na guerra	
Rússia europeia	8.300.000	4.700.000	2.500.000	15.500.000
Austria-Ungria	3.800.000	2.000.000	1.500.000	7.300.000
Alemanha	3.600.000	2.700.000	2.000.000	8.300.000
França	1.500.000	1.480.000	1.400.000	4.380.000
Itália	1.400.000	880.000	600.000	2.880.000
Inglaterra	850.000	1.000.000	800.000	2.650.000
Sérvia	320.000	1.330.000	690.000	2.340.000
Bélgica	175.000	200.000	115.000	490.000
Bulgária	155.000	120.000	65.000	340.000
Romania	150.000	360.000	159.000	669.000

Apesar da estatística estar incompleta, pois não se refere aos Estados-Unidos, a Portugal, a Turquia, ao Montenegro, à Grécia, etc., fazendo a respectiva soma encontraremos êste número quase fantástico: — 44.849.000 vidas que perderam, graças à guerra capitalista, os países citados.

Mas contra semelhante sangueira ninguém protesta... A não ser os *avancados* — os operários consciêntes — e os homens de sentimentos generosos, não há mais nenhuma criatura que erga a sua voz para fazer sentir a sua repulsa contra os maneios sinistros da cáfila que detêm as rédeas do poder neste mundo que, para escárnio da própria Civilização e do próprio Progresso, se diz *civilizado* e *progressivo*.

Realmente, com tal progresso e tal civilização, o quadro que aí fica honra sobremaneira a burguesia. Lá isso honra...

RECOMPILAÇÃO DE P. GUIMARÃES.

uma fervorosa admiração pelo *anatomista* eminent doe «Reposteiro Verde». O que ela lamenta — disse-mo já por vezes, num abandono confiante e dôce — é que o sr. Dantas perca o tempo com as frageis-futilidades de uma sociedade em completa derrocada, não se dando conta, êle que tam versado é em histórias palacianas, que essa coisa de pealtas e sécias já acabou já por alturas do século XVIII. A minha desventurada amiga, que é muito dada á leitura, deplora o facto do sr. Dantas não se dar uma visão mais larga dos homens e das coisas, não atentando por exemplo no que vai por essa Europa fóra, ciclôpicos *bouleversements* que tiveram o condão de comover os Barbusse e os Anatole e os Romain Rolland e os Han Ryner e os Maeterlinck. Não quer dizer com isto a minha amiga — sei-o também — que o sr. Dantas siga ou imite aquêlê poderosos guias das multidões *doublés* de admiráveis estilistas. Nem por sombras. O sr. Dantas tem talento bastante e bastante arte para ser sempre, e inconfundivelmente — *lui-même!*

LUCIANO DO RIO.

O MOVIMENTO SOCIAL EM ESPANHA

Damos hoje a conhecer aos leitores de A COMUNA, o desenvolvimento da organização do proletariado espanhol, e da perseverança dos seus militantes em levar sempre à prática, lutas de ordem moral que dignificam as corporações em luta.

Lamentámos ver em Portugal que muitos dos partidários da revolução imediata nada trabalhem em prol do ideal nem da própria revolução sendo simplesmente criticos de tudo e de todos os que lutam.

A repressão exercida pelos governantes contra a imprensa avançada originou á intensificação da propaganda entre o proletariado, tendo hoje a C. N. do Trabalho de Espanha órgãos em todas as regiões. «Solidaridad Obrera» publica-se em Valencia, Bilbao, Barcelona, Corunha, Sevilha, Madrid e breve se publicará em Saragoça em substituição de «Comunista».

E a maior satisfação que sentimos, é por vêr que nenhum dêstes jornais faz a propaganda da ditadura dum govêrno proletario, sendo a sua missão propagar o comunismo anarquista, e a organização dos sindicatos únicos de indústria, conselhos técnicos, estatísticas etc., para quando se realizar a transformação social, o proletariado estar apto a organizar a produção e distribuir o consumo por intermédio dos seus sindicatos. Os militantes lutam com dedicação para dotar os sindicatos com todos os elementos necessários para organizar a produção, substituindo a gestão patronal nas indústrias e abolindo o Estado.

Há algumas semanas que os metalúrgicos de duas fábricas de Saragoça terminaram com vitória a sua greve, conseguindo o ingresso no Sindicato Único metalúrgico, dos técnicos e empregados de escritório das ditas casas, para unidos prepararem os alicerces da Sociedade Futura.

Actualmente encontra-se em luta a restante classe metalúrgica exigindo que o regulamento interno das oficinas seja redigido pelo sindicato, pretendendo também syndicar os restantes técnicos, empregados etc. Os trapeiros de Saragoça acabam de ingressar no sindicato único das artes gráficas, por o seu mister ser necessário á fabricação do papel, e o sindicato hoje e no futuro precisa de todos êste cooperadores em beneficio da comunidade.

Os engraxadores e barbeiros de Barcelona também ingressaram no sindicato único da higiene e do asseio. Em Espanha não se trabalha pela transformação social a dar vivas á revolução, a cantar hinos ou bolsando insidias, mas sim, lutando com audacia, sacrificando a vida e a liberdade para legar aos nossos vindouros um novo regimie social onde seja abolido o Estado e o salariato.

Os camaradas recordar-se-hão de nestas colunas combatermos a reacção hespanhola quando, o Conde de Salvatierra governador de Barcelona e o general Arlegui actual chefe da policia, praticaram os mais infames atentados contra os anarquistas e sindicalistas espanhóis. A policia tentou incendiar a redacção de «Tierra y Libertad» onde maltratou brutalmente a companheira e filhos de Tomaz Ferrer redactor da «Tierra» condenado em dois anos de prisão por delito de imprensa.

Quando o encerramento da imprensa Germinal, foram presos os seus cooperadores, e mais de 1500 operários entre os quais Manzanares e irmãos Rico, do grupo da «Tierra y Libertad» que sofreram nove meses de prisão arbitrária na carcere Modêlo.

O velho adagio «Cá se fazem cá se pagam» acaba de ser confirmado mais uma vez. O conde de Salvatierra ao regressar de um passeio aos arredores de Valencia, em pleno dia foi atacado a tiro por um grupo de desconhecidos, sendo assassinado o conde e sua cunhada, e ferida a esposa, fugindo os seus agressores.

A imprensa burguesa condenou o atentado contra o governador, apesar de nunca ter protestado contra as agressões aos presos e encerramento de sindicatos, etc. Nós anarquistas temos um respeito sagrado pela vida humana porque esta deve ser inviolável, porém reconhecemos que esta acção é a justiça do povo sedento de pão e liberdade, que abate os tiranos que tentam impôr se à evolução da humanidade.

Em Vila Garcia o proletariado declarou a greve geral tentando assaltar a prisão para libertar o presidente da Federación Local preso arbitrariamente. Apesar do grande número de prisões realizadas em Espanha os sindicatos votam cotas extraordinárias para sustentar os presos por questões sociais, porque sem acção e solidariedade é impossível a conquista da emancipação proletariado.

Na «Solidaridad Obrera» de Valencia vimos ha-lias uma estatística feita pela Federación Regional de Sueca, indicando o número de operários sindicados na sua area e respectivas profissões, e o número dos não sindicados: qual a média de produção naquela região, e o respectivo consumo, o que registamos com satisfação.

O nosso mais ardente desejo era que todos os sindicatos, Federações locais e de Indústria procedessem da mesma forma, para no futuro ter-nos vencidas metade das dificuldades.

Em Bilbao os descarregadores do molhe — continuam em greve sendo assassinados a tiro alguns amarelos. O Sindicato Único dos Transportes de Bilbao, onde estão filiados os grevistas, declarou o boicote ás mercadorias descarregadas pelos patrões ou amarelos, e os carreiros, ferro-viarios, chauffeurs, etc., não transportam mercadorias do molhe do porto de Bilbao.

«A Confederação Regional do Trabalho de Catalunha distribuiu recentemente um manifesto onde expõe que as lutas pró-aumento de salario em nada prejudicam o patronato, porque sendo este o detentor da propriedade, aumenta o preço dos produtos manufacturados criando um circulo vicioso á classe operária.

O dito manifesto termina com estas palavras: — «E' necessário organizar uma estatística geral da produção e do consumo, que nos sirva de base para uma intervenção directa e eficaz em tôdas as questões que se relacionam com a vida da sociedade e seu melhoramento, atacando a burguesia com dados e documentos, e explicando ao povo os seus imensos lucros, produtos da falsificação e fraude, (não contando com a exploração que exerce sôbre os seus operários) interessando as outras classes sociais que sendo vítimas como nós, pagam caros como sendo bons, produtos de pouco valor, e se alimenta com substancias sem fôrça nutritiva e até com venenos em quasi todos os produtos (e isso o sabemos muito bem) que são necessários para as indústrias do ramo da Alimentação.

Intervindo seriamente em tôdas estas questões, entendemos, que assim a organização operária da Catalunha, intensificará a sua actividade e manterá a sua coesão; tornando-se simpática perante a opinião pública pela sua acção em beneficio do povo em geral, ao mesmo tempo se exercita nas altas funções para que foi criada».

ARTE & ARTISTAS NOTAS DUM PERDIDO

Rehabilitação

Sósinho estava Satanaz no inferno
Havia séculos, quando entrou Caím.
Ambos a Deus juraram ódio eterno
E dar, juraram, ao seu reino fim.

-Sou a Revolução por Deus maldita,
Disse a voz de Satan como um trovão,
-Sou o Trabalho que esse Deus irrita,
Ouviu-se ao primogénito de Adão.

Olharam-se, e dos dois na face ousada
Como um raio colérico bateu;
Tremeu de Abel a raça apavorada
E, no seu trono, Deus estremeceu.

Depois, ouviu-se um grito, um grito óvante.
-Atráz, raça de Abel, atráz, atráz!
Eis do Progresso o carro triunfante!
Guia-o Caím e impéle-o Satanaz.

J. M. BARTRINA.

Morte do avarento Grandet

No ano de 1827, seu pai, sentindo o peso das enfermidades, foi forçado a iniciá-las nos segredos da sua fortuna, e dizia-lhe que, em caso de dificuldades, se dirigisse ao notário Cruchot, cujo probidade lhe era conhecida. Depois, afpelos fins do ano, o velho, contando oitenta e dois anos de idade, foi enfim, assaltado por uma paralisia que fez rápidos progressos. O dr. Bergerin deu Grandet como perdido.

Pensando que em breve se ia achar só no mundo, Eugénia conservou-se, por assim dizer, mais próxima do pai, e apertou mais fortemente esse último elo de afeição que a prendia ao mundo.

Foi sublime de cuidados e atenções para com seu velho pai, cujas faculdades começa a declinar, mas cuja avareza se sustentava instintivamente. Por isso, a morte d'esse homem não contrastou com a sua vida. Logo pela manhã ordenava que lhe rolassem a poltrona do fogão do quarto para a porta do seu gabinete, sem dúvida cheio de ouro. Ficava ali sem movimento, mas olhava, — e com grande assombro do notário, ouvia o bocejar do cão no pátio. Despertava da sua aparente indiferença, no dia e hora em que devia receber as rendas das propriedades, fazer conta com os caseiros e passar recibos. Agitava, então, a poltrona de rodas, até se encontrar em frente da porta do gabinete. Mandava-o abrir pela filha, e tomava conta em que ela própria collocasse os sacos de dinheiro uns sobre os outros, e que fechasse a porta.

Depois, voltava para o seu lugar silenciosamente, logo que ela lhe havia dado a preciosa chave, que sempre metia na algibeira do colete.

Enfim, chegaram os dias de agonia, durante os quais a forte compleição do velho lutou com a destruição. Quiz ficar sentado ao fogão, diante da porta do gabinete. Puxava para si, e enrolava-os, os cobertores que punham sobre elle, e dizia a Manon, sua governante:

-Fecha, fecha isso, para que não me roubem.

Quando podia abrir os olhos, onde toda a sua vida se havia refugiado, voltava-os logo para a porta do gabinete onde jaziam os seus tesouros, e dizia à filha:

-Eles estão lá? eles estão lá? — perguntava com um som de voz que denotava um terror pânico.

-Sim, meu pai. -Vigia o ouro!... Põe ouro diante de mim.

Eugénia punha luzes sobre a meza, e elle ficava horas esquecidas com os olhos fixos nas moedas, como uma criança que, no momento em que começa a ver, contempla estupidamente o mesmo objecto;

e, como uma criança, escapava-lhe um sorriso vago.

- Isto aquece-me, dizia algumas vezes, deixando aparecer na fisionomia uma expressão de felicidade.

Quando o pároco lhe veio ministrar os sacramentos, os olhos do velho, aparentemente mortos desde algumas horas, reanimaram-se à vista da cruz, dos castiçais, da caldeirinha de prata, que encarou fixamente, e o seu olhar agitou-se pela derradeira vez. E quando o padre lhe aproximou dos lábios o crucifixo do prata dourada, para lhe dar a beijar a imagem de Cristo, fez um espantoso gesto para o agarrar, e esse último esforço custou-lhe a vida. Chamou Eugénia, que já não via, embora estivesse ajoelhada diante d'elle e banhasse de lágrimas a sua mão gelada.

-Meu pai, dê-me a sua bênção!

-Toma muito cuidado em tudo! Tu me prestarás contas no outro mundo — disse elle — provando, por estas últimas palavras, que o catolicismo é a religião dos avarentos...

H. DE BALZAC.

Os conquistadores

Um bando de piratas é atirado, pela tempestade, para qualquer ponto. Do alto da grávia o gageiro anuncia terra. Tratam de singrar nessa direitura. Arribam. Saltam na praia. Encontram um povo desarmado e hospitaleiro. Acto continuo, dão um nome qualquer a essa terra e tomam posse dela em nome do seu chefe! Erguem depois um padirão para atestar a posteridade a bela acção levada a efeito.

Após isso, matam duas ou três dúzias de homens e tem a bondade de perdoar a uma dúzia d'elles que mandam para as suas choças. Servo-lhes este acto para demonstrar a posse incontestável e a supremacia do poder divino!

Logo a seguir armam outros navios para aquelas paragens.

Exterminam quantos naturais podem. Torturam os chefes da tribo para lhes caçarem os tesouros. Exercem, conscientemente, todos os actos de maior barbarie e desumanidade. Tinge-se a terra com o sangue dos seus infelizes habitantes. E esta abominável malta de carrascos constitui pudosa expedição de colonos enviados a um país bárbaro e idólatra, para o civilizar e convertê-lo a fé...

JONATHAN SWIFT.

Liberdade de imprensa e de reunião, inviolabilidade de domicilio e do resto só são respeitadas se o povo as não usa contra os privilegiados. Mas quando começa a empregar-las para derrubar esses privilegiados então, todas essas pseudo-liberdades são postas de parte.

Há seis anos, quando o estado de guerra foi declarado — como o tempo passa! — estava eu num dos grandes centros industriais da Inglaterra, numa cidade, cuja população é mais do dobro do que a de Lisboa, e, por isso, assisti a todas as manifestações patrióticas e pró-guerra, contra the Germans, que os ingleses fizeram; assisti também à mobilização e ao alistamento voluntário, ao embarque dos primeiros chamados e ás manifestações de simpatia que a população lhes dispensava, e algumas vezes torci caminho, entristecido, julgando o mundo doido e perdido, onde só pudesse coabitar aquêlo género que a Hobbes fez exclamar ser o homem o lobo do homem.

Presentemente, na primeira quinzena de Agosto, numa cidade embora menos populosa da Inglaterra mas em que se reflecte o que vai por todo o país, eu vejo que as coisas também vão mudando muito por cá. Ainda há poucos dias, no principio do mês, que os imperialistas ingleses, falando grosso e contando com a habitual mansidão e conviência das massas operárias nos seus crimes, ameaçavam os bolchevistas o todo o mundo, e se preparavam para correr em auxilio da Polónia, a quem elles haviam acalentado em sonhos guerreiros e até inoculado o seu imperialismo, e em menos de uma semana os seus jornais mudaram completamente de tom, hipocritamente declarando que ninguém, na Inglaterra, queria a guerra, e esta mudança foi causada porque o operariado nas pequenas como nas grandes cidades, se levantou a protestar e a declarar que não só não iria para a guerra como nem sequer fabricaria munições, — nem as transportaria nem aos soldados. — destinadas a alimentar, na Polónia, o fogo contra a República dos Sovietes.

Esta attitude, bem compensadora da bem triste que há seis anos por aqui presenciei, deixou bem surpresos os capitalistas e imperialistas ingleses, que julgavam ainda fácil a sequência das suas aventuras guerreiras; e, pasmados, interrogam o que é feito do prestigio da democracia e do parlamento ingleses e o que pretendem os operários com a declaração de que para atingirem os seus fins recorrerão ao emprêgo da acção directa, descrevendo-a como «um desafio a toda a constituição do país».

No dia 13, realizou-se em Londres uma reunião, ou melhor, um Congresso de delegados de todas as Uniões operárias, descrita como a reunião de forças operárias como já-mais foi presenciada na história das indústrias, a que assistiram mais de mil delegados e em que estavam representadas, unidas e bem de accordo todos os elementos e todas as nuances operárias organizadas, os moderados e os avançados, e de onde saiu um Council of Action, que actuará bem firmemente até que a paz seja assegurada, afastando todas as possibilidades de nova carnificina sem consentimento do povo e pelos amsos preparada, tendo como base o que fôra aprovado por unanimidade: a declaração da greve geral nacional como meio único, eficaz e rápido de impedir qualquer guerra.

Para Paris partiram dois delegados «afim de estabelecer uma Entente Cordiale entre os trabalhadores dos dois países e promover a acção mútua e coincidente». Bem sabemos que passos e acção semelhantes se produziram entre franceses e alemães desde alguns anos antes do 1914 — em 1913 assistiu a um daquêles confusos monstros no Pré St. Gervais, em Paris, em que se reuniram mais de 60.000 manifestantes contra a guerra — e que, apesar disso, a guerra não se evitou ou não pôde ser evitada.

XXIV

Mas os tempos agora são diferentes, principalmente porque as lições da guerra estão ainda bem frescas e os seus efeitos bem patentes, e ainda também porque agora se trata de atacar um país que só deseja viver em paz, e cujo sistema ou organização os imperialistas e financeiros não podem ver com bons olhos. Como consequência, já os operários belgas, das docas de Antuérpia, se recusaram a embarcar munições que, da França, eram destinadas aos exércitos do sclerado Wrangel, que na Crimea ataca os bolchevistas, ainda alimentado pelo oiro dos imperialistas da Entente.

E um grande passo e uma nobre e bela attitude tudo isto que presenciamos. Tivesse o movimento operário assumido attitude e responsabilidade semelhantes, passando das palavras aos actos, em 1914, e não teria sido possível o morticínio e a mutilação de milhões de homens, nem se teria feito a devastação sistemática e criminosa de tantas riquezas, causa primacial e única de todas as misérias que hoje avassalam os povos, principalmente os pequenos e retardatários, como Portugal, só para engorda dos accionistas das fábricas de armamentos e satisfação dos grandes senhores e potentados da terra.

Felizmente que os povos começam a querer, e isso é o que nos satisfaz.

XXV

Para todas as dificuldades não há como as grandes e rápidas decisões. Problemas que os governos não resolvem, resolve-os o povo sem que para isso tenha necessidade de ter estudado matemática; males que os governos não atenuam, acalmam-os o povo sem que para isso se haja dedicado à medicina ou a curandairices. Ponto é que a necessidade, a imperiosa necessidade, o chame o fôrça a resolver problemas que oatinjam ou a curar males que o aflijam. Isso foi o que se deu com a falta de habitações em Albano, na Itália, a uns 27 quilómetros da sumptuosa Roma papal, no p. p. dia 12, quando o povo se resolveu a assaltar e a instalar-se no Monastério dos jesuitas, nos Conventos e outras casas religiosas. E note-se que quem se collocou à frente do movimento foram as mulheres, a quem chamam sexo fraco, mas que, na emergência, provas aos homens deram de sexo bem mais forte, talvez porque das misérias vísceiras ellas são as primeiras vítimas a suportar os dnros efeitos.

Havendo em Portugal tanta falta de habitações, havendo, por outro lado, tanta igreja e tantos edificios públicos e particulares mal aproveitados pelos seus detentores, de admirar não era que o exemplo das mulheres italianas frutificasse e se reproduzisse por cá. Sabemos que o gesto ainda no fundo não resolve o problema, mas atenuaria momentânea e grandemente o mal, não fazendo bom sentido que se forcem à promiscuidade famílias numerosas quando por aí há solitários sumptuosos e vastos edificios onde poderiam acobertar-se muitos trabalhadores que nunca tiveram confortável residência, nem esperança de a ter, enquanto lhes não chegar a vez das grandes decisões, ao menos para se apoderarem do que construíram e que por ninguém é aproveitado.

GRAND-GOSSE.

A COMUNA NO PORTO

Vende-se em todos os Quiloses e Tabacarias.

Passeio de propaganda

Efectua hoje, a Associação de Classe dos Operários Chapeleiros Portugueses, um passeio de confraternização e propaganda associativa a Braga, fazendo-se acompanhar da sua nova bandeira que será desfreadada pela primeira vez, em substituição daquela que desde 1898 os acompanhou nas suas lutas de reivindicação.

Para a emancipação integral

Se o Sindicalismo se limita a pedir à burguesia e a pedir-lhe de joelhos, melhorias parciais e imediatas... Se os sindicalistas se não aferram no firme propósito de que toda a classe trabalhadora, associada e não associada, se emancipe integralmente do jugo capitalista e do jugo Estado, nada teremos conseguido: a finalidade do movimento fracassaria depois de ter vegetado pouco menos que esterilmente.

Este propósito e esta finalidade não de ser o guia constante dos sindicalistas consientes se não querem que o movimento proletário autónomo se despedace, devido ao igolismo e à estreiteza de vista da multidão, contra os dois escolhos que podem ser perigosos: o corporativismo e o funcionalismo.

O anarquista Eurico Malatesta decidido partidário do sindicalismo autónomo viu claramente este perigo, quando disse:—A experiência constante, em todos os países, mostra-nos que o movimento de protesto é animado por um grande espirito de progresso e de fraternidade humana — em breve começa a degenerar. Quanto mais forte se torna este movimento, mais egoista se torna também e mais conservador, ocupando-se exclusivamente dos interesses imediatos e restrictos, dando a expansão, no seu seio, a uma burocracia que, como sempre, não tem outro fim mais do que fortificar-se e engrandecer-se.

E' a verdade. Os sindicalistas, consciétes daquela finalidade socialística, aspiração do Sindicalismo autónomo, terão de lutar constantemente contra estes dois factores de degenerescência.

Os sindicalistas franceses sustentam que o Sindicalismo basta-se a si próprio. Jean Grave objecta-lhes; porém, vendo o perigo denunciado por Malatesta e dada a escassa consciéncia de classe da massa proletária, que, para que assim seja, «é necessário que o sindicato se vá collocando a altura das ideas que nêle devem desenvolver-se, que se transforme à medida que se modifique a mentalidade dos que o compõem.»

O conselho é excelente. Se o Sindicalismo não evoluciona, se não sai do actual estado de indecisão, se não marcha decididamente, através da luta presente, para um ideal superior aos interesses do momento, não sairá nunca do beco sem saída em que a Economia Burguesa tem encerrado o proletariado.

JOSÉ PRAT.

Posta Restante

América — Francisco R. Figueira. Recebemos por intermédio da «Bandeira Vermelha» 5\$00 para pagamento da vossa assinatura.

Brazil — S. Paulo — António P. da Silva. A tua terra de 20\$00 paga os jornais até ao n.º 30. O restante, 5\$50 entra na subscrição voluntária.

Amora. — Manuel da Costa. Recebemos carta e dinheiro. Fica 1\$00 para subscrição voluntária.

Dinheiro! Dinheiro!

O homem da corte que ras-teja, o imbecil burguês que põe luminárias e enfeita a fachada da casa com festões de verdura e flores, o alambicado poeta que compõe hinos e odes pelo consórcio dos reis e nascimento de príncipes, só se entregam a estas expansões na esperança duma recompensa que querem receber em dinheiro de contado ou coisa que o valha; em nada, pois, se diferenciam da prostituta que diz palavras de amor e mercadeja amor com qualquer individuo, pensando unicamente no dinheiro que isso lhe ha-de render.

MAX NORDAU.

Conta corrente de A COMUNA

DE ASSINATURAS

Porto — L. Principe, \$50; A. Garcia, \$50; A. Ribeiro, \$50; A. P. da Silva, \$50; F. G. Santos, A. A. Vasconcelos, M. P. Magalhães, J. S. Pinho, J. P. Ribeiro, J. A. Gomes, J. Pereira, 7 a \$60 cada um; C. F. Mota, A. F. Guedes, A. F. da Silva, 3 a \$80 cada um; M. L. Oliveira, M. M. Silva, 2 a \$100; I. D. de Sousa, \$20; A. F. da Silva, \$60; B. J. Gonçalves, \$50; A. R. da Silva, \$75; L. Oliveira, \$100; S. Júnior, \$15; G. A. do Amaral, \$100; M. da Silva, \$40; A. G. Viana, \$63; J. B. Amorim, \$73; A. Torres, \$100; C. M. da Costa, \$80; Agostinho M. Soares, \$80. Lisboa — A. da S. S. Machado, \$55; G. Gonçalves, \$90; A. Tenreiro, A. Ferreira, A. A. Ferreira, 3 a \$53 cada um; F. Antunes, \$100; J. D. Oliveira, \$100; L. Conatino, \$55; C. Pires, \$100; J. Seabra, \$50. Ermezinde — M. D. Teixeira, 1900. Carvalhos — M. Oliveira, 1900. Terrugem — Associação dos T. Rurais, J. Maurício, J. M. Canhoto, 3 a \$60 cada um; J. M. Duval, \$30. Panóias — M. Inocêncio, \$65. Valença — A. J. Ribeiro, \$70. Vila do Conde — F. O. França, \$50; Sá Júnior, \$220; R. Cruz, \$50. Gaia — J. P. Santos, \$50; M. P. Fragateiro, \$60. Ervidel — I. Lopes, \$70. Espinho — J. S. Frutuoso, \$35; L. Esteves, \$100; A. Silva, \$90; A. A. Silva, \$20; Carreira, \$20. Moita — L. Martins, \$300. Torres Novas — J. A. Ferreira, \$340. Vale do Sado — A. M. Serra, \$150. Aldega — J. Cardoso, J. Fernandes, 2 a \$50 cada um. Seixal — R. Teixeira, \$50. Lagos — J. Geraldo, \$1000. Rio Tinto — M. Canelas, \$30. Azinhaga — Associação dos T. Rurais, \$250. Baidó — A. M. Oliveira, \$130. Abrantes — Cobreção feita por A. L. Sousa, \$320. Plas Idem, por J. J. Torrejals, \$281. Póvoa de Varzim — S. J. Fernandes, \$110. Egreja — J. A. Fatas, J. B. Peixe, 2 a \$125 cada um. Covilhã — A. B. Lopes, \$75. Espozende — A. G. Azevedo, \$100. Odemira — J. Ludovino, \$280. Cobreção feita pelo correio, em diversas localidades, 27\$34. Lourenço Marques — D. Relha, \$360. França — M. S. Cal, M. da Silva, 2 a \$90 cada um; M. C. da Silva, \$175; M. Fernandes, \$105. Brasil — J. C. Ferrão, \$250. América — M. Martins, \$325. Soma, 113\$48.

VENDA DE JORNAIS

Porto — Redacção, 1\$30; A. Moraes, 2\$70; chapeleiro, 3\$20; Roboredo, 1\$350; N. de Melo, \$50; D. Castelo, 1\$60. Lisboa — Quiloses e Tabacarias, 47\$11. Silves — A. Miguel, 1\$50. S. Tiago de Cáceres — J. L. Pereira, 2\$50. Coruche — J. L. Blande, 2\$25. Viana do Castelo. — Viuva do Alberto, 4\$35. Ervidel — A. Beatriz, 7\$90. Lagos — J. Geraldo, 2\$10. Moita — L. Martins, 2\$50. Panóias — J. I. Braz, 10\$00. Amara — A. da Silva, 1\$40. Espinho — A. P. 1\$00. Odemira — J. Ludovino, \$50. Barreiro — A. Azevedo, 10\$00. Gaia — J. C. M. Costa, 2\$50. Brasil, S. Paulo — A. P. da Silva, 14\$50. Rio de Janeiro — J. C. Ferrão, 31\$50; M. Rocha, 87\$50. Soma, 276\$91. Total, 300\$49.

DESPEZA

Papel para os n.ºs 14, 15, 16, 17 e 18 23\$50
Composição e impressão 200\$00
Selos e postais 36\$56
Seguro do papel 9\$56
Aluguer da casa 6\$00
Papel, envelope e penas 4\$00
Luz eléctrica 2\$00
Um aloquête 1\$50
Deficit do mês anterior 37\$10,5

Soma 532\$30,5

RESUMO

Receita 390\$49
Despeza 532\$30,5

Deficit para o mês de Setembro 141\$80,5

CRÓNICAS DE PARIS

Aquela matança bestial que, com o nome de guerra europeia, começou nos primeiros dias de Agosto de 1914, já terminou; mas os vampiros da política e da diplomacia, ainda não acharam tempo de acabar com as suas malignâncias. A prova é que, na sombra, continuam com as suas manobras de encruzilhada, no intuito malévolo de provocar uma nova hecatombe...

Os nossos leitores recordar-se hão, decerto, que, há meses, essas parasitas, representantes dos diferentes palcos que andaram em guerra, se reuniram em Versaillies. Nas suas reuniões houve discussões azedas e fortes, e scenas violentas; apesar, porém, de inimigos, não houve nenhum ferido, nem sequer uma leve beliscadura — e que os sujeitos, ao contrário dos soldados, lutavam pela pátria com palavras, com banquetes, com recepções e com o rico champagne!

Há pouco, e como continuação da comédia de Versaillies, os vampiros reuniram-se em Spa. Ali, os diplomatas aliados, com Lloyd George e o apóstata Millerand à frente, pretendiam impôr ao governo alemão o desarmamento geral das suas tropas, visto que, e segundo a opinião do príncipe ministro inglês, o exército alemão constituía um grande perigo para as novas instituições do ex-imperio — que, de um dia para o outro podiam dar um golpe de Estado ou provocar uma revolução.

Para nós, anarquistas, o desarmamento é lógico e humano. Vejamos, no entanto, a contradição das criaturas que aplaudiram o desarmamento da Alemanha: Na mesma ocasião em que, em Spa, se tomava aquela resolução contra um país inimigo, o governo francês, a que preside o renegado Millerand, publicava uma lei tornando obrigatória, nas escolas, a instrução militar às crianças. Que vos parece isto, queridos amigos? Que pretenderão estes bañados da diplomacia e da politica ao querer desarmar o exército alemão e ensinar as crianças francesas a amar o militarismo? Que nos dirão desta incongruência os chamados socialistas-revolucionários que ainda colaboram na obra do governo? Ao recto juizo dos leitores deixamos a solução do enigma... e passamos a outro assunto.

Dizem: «a guerra terminou; o triunfo pertence à França.» Mas nós, anarquistas, coerentes com a nossa ideologia, continuamos a afirmar que o triunfo pertence às castas burguesas e aos tartufos que as defendem.

Todavia, os economistas assalariados pelo capitalismo, para demonstrar a sem razão das nossas afirmações, matam-nos, há umas poucas de semanas o bicho do ouvido, com o estafado estribilho de que «é necessário aumentar a jornada de trabalho para 10, 12 e 15 horas por dia! Que a França se encontra exausta! Que a produção não é suficiente, em consequência das inúmeras perdas de vidas! Que o único remédio para se saldar o deficit, é o regresso ao estado em que vivia a França, em 1914! É que os trabalhadores estrangeiros não devem assustar-se com as jornadas de trabalho de 15 ou mais horas, se isso for preciso aos interesses da França!» Ora neste país dos Direitos do Homem, a jornada de 8 ho-

ras não constitui uma regalo senão para 5 ou 6 por cento dos operários. No geral, trabalham-se 10 e 12 por dia! E se o proletariado francês, embriagado com o alcool, com a vitória e com o patriotismo, suportar, brandamente, esta humilhação, é porque os seus organismos de classe não tem um nervo vigoroso e forte, e porque, durante a guerra, os directores da C. G. do T. se fizeram instrumentos dóceis nas mãos do governo, achando-se, agora, atados de pés e mãos pelas tremendas responsabilidades que assumiram, e não podendo, por isso, revoltar-se contra os seus amos.

A guerra terminou. Mas nós continuamos a manter a nossa tese — os operários nada tinham a ganhar com a chacinã; pelo contrário, tinham tudo a perder, até a própria vida, essa vida com que muitos indivíduos multiplicaram as suas fortunas. Os incrédulos, os simplórios, não nos acreditaram; os astutos, combateram-nos com as armas mais ignóbeis — a mentira, a vileza, a calúnia, o insulto, a infâmia; e os poderosos, auxiliados pelos seus esbirros, perseguiram-nos ferocemente. Terminou a guerra; e nós, com documentos esmagadores, podemos demonstrar plenamente a veracidade das nossas palavras.

Em 1917, o semanário *A Plebe* deu à estampa uma série de documentos, com os quais provou, à sociedade, o patriotismo dalguns patriotas durante a guerra. Citarei os principais.

A *Casa Salmon*, de Paris, Sociedade que em 1914, tinha um capital de 2.400.000 francos, fechou em 1915 o seu balanço, com um saldo de 17 milhões!

Em 1916, ganhou 26 milhões! E as suas acções, de 100 francos cada uma, chegaram cotar-se, em 1917, a 1.725 francos!

A *Companhia Bi-Metal*, com um capital de 2 milhões de francos pagou de dividendo aos seus accionistas em 1913, 873.945 francos; em 1915, 7.096.152; e em 1917, antes de terminar a guerra, 19 milhões!

Carregadores, reunidos. Esta Sociedade, que explora o ramo de carga e descarga nalguns portos franceses, pagou aos seus accionistas os seguintes dividendos:

Em 1916 . . .	3.127.000 francos
Em 1917 . . .	19.914.453 "
Em 1918 . . .	30.723.111 "

A *Casa Renault*, de Paris, (Billancourt), ganhou 100 milhões durante a guerra, sem contar com a sua sucursal de Berlim, que fabricava munições para o exército alemão.

Schneider. Este desinteressado patriota, de origem alemã, ganhou, em 1916, só com a fábrica Creusot, — fábrica de munições para o exército francês, — 206.848.339 francos.

A *Casa Krupp*, da Alemanha, ganhou, em 1914, 80.877.330 francos; e em 1915, 157.763.688 francos!

Podíamos continuar, desflando números e citando nomes de tam veneráveis patriotas, entre os quais se encontram seis arcebispos, grandes accionistas de fábricas de material e munições de guerra, mas a nossa crónica nunca mais teria fim. Contentar-nos-hemos, citando um facto que serviu de tema a certa imprensa francesa, durante a comédia de Spa, para exaltar um homem que foi um grandíssimo... «patriota!»

Quando estalou o conflito europeu — dizem os jornais guer-

relampagos, ribombos, chuva, vento, — horrores! É necessário aterrar o povo para ele obedecer. A autoridade é isto: vença sempre pelo medo.

Antes disto os hebreus, descrentes de Moysés, fazem um bezerro de ouro e prestam-lhe culto. Moysés não voltaria, devia já estar morto. Mas elle volta afinal e então, ó pai do céu, manda matar vinte e três mil dos mais velhos: *viginti tria milia ex-seniorum*, diz a Biblia sagrada!

«Era Dues quem mandava aquilo? Era. Deus é a autoridade e a autoridade é aquilo. *Omnis potestas a Deo*, todo o poder vem de Deus. Todo o poder é como quem diz — toda a autoridade.

Moysés viu-se livre dos hebreus, tal qual como a autoridade de hoje se vê livre daquelles que a incomodam. As manhas são sempre as mesmas, e os processos também.

A autoridade tem muito boas intenções; tudo faz bem, mas faz tudo de tal modo que tudo

A nossa Alagoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alagoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel.

O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

A ETERNA CALÚNIA

O *Daily Herald*, diário socialista que se publica em Londres, está sendo alvo duma odiosa campanha por parte da imprensa burguesa, simplesmente porque durante a guerra nunca aplaudiu a carnificina, como agora tem defendido a necessidade de reconhecer e deixar em paz a República dos Sovietes; tendo sido acusado de haver recebido ouro alemão, é agora acusado de receber ouro dos bolchevistas e títulos e obrigações dos chineses.

Os inimigos!... São os mesmos, por toda a parte.

LEDE
A BATALHA
DIÁRIO DA MANHÃ
Porta-voz da organização operária portuguesa

reiros da França — este homem era riquíssimo. A guerra multiplicou-lhe a sua fortuna em tais proporções que, particularmente, os belgas, hão-de recordar-se sempre d'ele, visto que, com um capital de 28 milhões de francos, organizou uma empreza para explorar a água, o gás e o ferro.

«É um homem invulgar, inteligente, esclarecido e activo. Se a Alemanha tivesse vencido a guerra, e anexionasse a Bélgica, todo o carvão europeu seria d'ele.

«Durante a guerra forneceu de carvão e munições o exército alemão. É o proprietário das Minas de Carvão Germano-Luxemburgo; e, durante a guerra, comprou arrematou navios, emprestou dinheiro ao governo, comprou fábricas de papel, livrarias, empresas e diários.

«Hugo Stinnes que, em 1914, possuía apenas, 30 milhões, tem, hoje mais de um milhão de milhões. Deu-lhe, agora, para intervir na politica — o seu pensamento é governar a República alemã.

«Achamos razoável a aspiração de Hugo Stinnes; e entendemos que, dada a sua audácia e a sua intiligência — e, tendo fallido os homens politicos da dinastia — é elle a única criatura capaz de governar proficientemente a Alemanha.»

«Eis o que diz a imprensa francesa. E eu, para não lhe estragar o conceito, não ajuntarei nenhum comentário ao patriotismo d'este homem que durante a guerra, ganhou novecentos e setenta milhões de francos (194 mil contos)!...»

Paris 12 | VIII | 920.

JOÃO ORTEGA.

O movimento operário no Japão

Própriamente dito, o movimento operário no Japão data de 1912, ano em que foi fundada a *Ynukaria* (Sociedade dos Amigos), em torno da qual se foram agrupando, fraternal e estreitamente, as primeira organizações profissionais.

A *Ynukaria* conta apenas 85 mil filiados: — 25 mil operários dos grandes estabelecimentos industriais, 20 mil marítimos, 11 mil mineiros, e 29 mil operários de diferentes artes e officios.

No Japão as greves tem sido frequentes, mas de duração breve.

De 147.935 operários que, de 1914 a 1918, abandonaram o trabalho, só 3.016 permaneceram em greve mais de dez dias.

Em 1918 houve 333 greves: 68, que atingiram 8.826 operários, foram completamente victoriosas — os grevistas conseguiram tudo quanto reclamavam; 205, em que tomaram parte 44.411 operários, resolveram-se, mediante transgências mútuas; e 60, de que participaram 2.956 operários, constituíram uma derrota.

As greves — determinadas, em geral, pela carestia da vida — não tinham outro fim senão o de reclamar aumento de salário.

A primeira greve que se declarou para reduzir a jornada de trabalho a 8 horas, foi a dos tipógrafos, no ano passado. Após algumas semanas de luta, conseguiram aquilo que desejavam.

No programa da *Ynukaria*, as reivindicações politicas estão misturadas com as reivindicações economicas. Jornada de 8 horas; abolição do trabalho noturno; seguros contra os accidentes no trabalho; tribunais arbitrais; salário mínimo; suffragio universal; democratização das escolas, e reforma da policia, está tudo junto, sem demarcações ou distincções.

Todavia, ao lado desse nascente e rudimentar movimento operário, há um movimento anarquista e socialista, considerável, mas que, por desgraça, não tem contacto algum com as minguadas organizações economicas, nem trata de as fortalecer ou fundar outras novas.

É um mal, mas um mal que se pensa remediar. Alguns elementos, chegados da Europa, procuram infiltrar novas tendências nesses organismos, e os seus primeiros trabalhos deram óptimos resultados.

Oxalá que esses pioneiros não desfaleçam, tais são os nossos mais fervorosos desejos.

(Do Call, de New York).

Lêde e propagai

A COMUNA

... Semanário Comunista ...

uma geira de terra, alguma roupinha e mais nada.
— Bem! (a autoridade fica logo radiante) vamos a dividir isso, vamos a fazer inventário. A cada um o que é seu: *Suum cuique*. A autoridade sabe latim... como os padres. Ela faz de tal modo a partilha, que fica com o quinhão maior.
Parece que ela é a viuva por quem tem a meação; pertence-lhe o quinhão maior. Desolada viuvinha!
Ela é muito amiga da gente. Dá-nos padres para nos confessarem, perdoarem e mandarem-nos para o céu, igrejas para rezar, juizes para nos julgar policia para nos prender, municipais para nos acutilar, guardas fiscaes para nos apalpar, a ver se levamos alguma coisa que lhe cheire. Ela dá tudo. É uma espécie de mãisinha carinhosa. Doutores de medicina, de direito, de teologia, advogados, escrivães, juizes, delegados... ela é que fabrica tudo e tudo marca.
Numa questão civil, só os

A Felicidade pelo Trabalho

É justo é necessário que todos os homens trabalhem; primeiro, em trabalho útil; segundo, agradável para quem o executa; terceiro, feito em condições tais que se não torne sobre-fatigante nem sobre-impaciente.

Nada deve ser feito com o esforço dos homens que não seja necessário ou que seja tido como trabalho desagradável para quem o executa.

A variedade de trabalho é o ponto immediato e o mais importante. Compelir um homem a executar, dia após dia, a mesma tarefa, sem esperança de abandonar nem de a trocar por outra, quer dizer nada menos do que converter-lhe a vida num tormento prisional. Só a tirania do lucro torna isto necessário. Um homem podia facilmente aprender e praticar três officios, alterando a occupação sedentária com a occupação ao ar livre.

Todos os viventes sentem prazer no exercicio das suas energias, e mesmo as bestas se regosijam em ser flexiveis, rápidas e fortes. Um homem, trabalhando, fazendo alguma coisa que lhe sente existir porque nela trabalha e a deseja, é exercitar as energias do gosto e do espirito assim como do corpo. A memória e a imaginação auxiliam-no à medida que trabalha. Não somente os seus pensamentos mas os pensamentos de outras épocas lhes gulam as mãos; e, como parte da raça humana, elle cria. Se nós trabalharmos assim, seremos homens, e os nossos dias no mundo serão felizes e plenos de êxito.

Se um homem tem trabalho para executar, mas que elle aborrece, que não o ajuda a satisfazer o seu natural e justo desejo para o agradável passará a maior parte da sua vida infeliz e sem respeito por si mesmo... O principal dever da sociedade de hoje é esforçar-se por tornar o trabalho agradável para todos, fazer quanto possa para diminuir o trabalho desagradável.

Eu acredito que o povo, à medida que avança na sua capacidade para se conduzir na ordem social, preferiria antes procurar ansiosamente o trabalho do que evitá-lo, porque as horas de trabalho seriam antes alegres reuniões de homens e de companheiras, velhos e jovens unindo-se para o trabalho, do que o aborrecimento severo que hoje as mais das vezes sentimos. Chegaria então o tempo para o renascimento da arte. O povo não podia deixar de mostrar a sua alegria e prazer no trabalho.

Eu acredito que o povo, à medida que avança na sua capacidade para se conduzir na ordem social, preferiria antes procurar ansiosamente o trabalho do que evitá-lo, porque as horas de trabalho seriam antes alegres reuniões de homens e de companheiras, velhos e jovens unindo-se para o trabalho, do que o aborrecimento severo que hoje as mais das vezes sentimos. Chegaria então o tempo para o renascimento da arte. O povo não podia deixar de mostrar a sua alegria e prazer no trabalho.

WILLIAM MORRIS.
(Useful Work verrus Useless Toil)

Um apêlo dos metalúrgicos do Sena

Os governos da *Entente*, dignos representantes do capitalismo mundial, desejam arrastar-nos a uma nova guerra! O proletariado internacional deve, para honra sua, opôr-se com todas as suas forças à perpetração do crime que se prepara contra a Rússia revolucionária.

Os mineiros de todos os países já declararam que responderiam com a greve geral, a toda a tentativa guerreira. O proletariado britânico e italiano acha-se disposto a repellar os designios dos nossos dirigentes. Os trabalhadores alemães recusam-se a deixar passar pelo seu país, homens, armas e munições para a Polónia.

Metalúrgicos do Sena! Em face destes gestos ficareis inactivos?

! Tolerareis, sem protesto, que os governos possam aumentar, por uma nova guerra, a lista, já formidável, das vítimas do capitalismo internacional?

Vós não quereis, decerto. Pois bem! O vosso dever, dever elementarissimo, é o de vos recusardes, sobretudo, a fabricar armas e munições destinadas a matar os nossos irmãos de sofrimento, da Prússia.

Operários metalúrgicos! Como os nossos irmãos dos outros países, declarai-vos contra a guerra, e afirmai-vos pela liberdade dos povos disporem de si próprios.

Ficamos, pois, convencidos de que, ao apêlo dos vossos organismos de classe, vos respondeis — *Presente!* — negando-vos, por todos os meios ao vosso alcance, a ser cúmplices do novo crime que se prepara.

A Comissão Executiva do Sindicato dos Metais do Sena.

Nos nossos assinantes

da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhos, 124 c County Street — New Bedford Mass.

BEIUM

A minha defesa

... POR ...

JORGE ETIEVANT
Preço, 50 reis

A venda na redacção de A COMUNA

3 Solhefim de A COMUNA

A AUTORIDADE

Excerto duma CARTA ABERTA do Dr. Eduardo Maia a M. Pinheiro Chagas:

O caracter mais pessoal, mais absoluto, mais despótico, mais repugnante da autoridade, está na nossa história genealógica do mundo personificado em Moysés.

Moysés sóbe ao Sinai. Vai ter uma conferência com Deus e formular a lei das táboas. Ele quer uma origem divina para o seu despotismo feroz. Não quer a responsabilidade do crime que vai cometer. Deus pagará as favas.

Vai e demora-se de propósito, para fingir que morreu e experimentar a fidelidade dos hebreus. Ao cabo de 40 dias aparece a lei do decálogo. Há uma trovoadá medonha, raios,

advogados da autoridade nos podem defender e acusar. Em qualquer enfermidade, só nos podem assistir os seus médicos; e os seus padres são os únicos que podem levar ao céu as nossas almas!

Bem fazēja autoridade! Ela tem muito boas intenções; tudo o que faz, diz que é para nosso bem, mas as coisas são de tal modo arranjadas, que, por cada beneficio que nos dá, causa-nos mil prejuizos, incomodos e embaraços. Por isso os próprios que se utilizam dela, a aborrecem e a grande maioria da gente odeia-a. É muito mais temida que respeitada e multissimo mais odiada do que temida.

Tal é o seu feitio; tal é a autoridade! Ela simbolisa a tirania, a opressão, a violência. O seu apoio é por conseguinte a força. Não tem raciocinio, nem admite que o haja, não quer discussões, nem quer decidir nada pela lógica, pela persuacão, pelo conselho amigo; nada que sejam boas maneiras. Ande

lá pra diante! Não se meta no serviço da policia. Obedeça e depois queixe-se! Cale o bico, senão prendo-o! São as suas maneiras de falar. A sua razão suprema é a força; a razão suprema da força é a ignorância e a ignorância é atrevida sempre. A autoridade prima em ser tudo isso. O seu caracter, a sua indole, a sua natureza, são essencialmente contrárias à civilização, ao progresso humano. A nossa consciência revoltase sempre contra tudo o que seja uma imposição, e a natural tendência do espirito humano é emancipar-se de tudo que tenha o cunho da violência, da opressão, da tirania. Tudo que nos pesa incomoda-nos. Quanto maior é o peso, tanto maior é o incomodo. Na questão sujeita, o peso da autoridade é tanto mais sentido, quanto maior é delicadeza, o apuro da nossa intelligência.

(Continua).